



# JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

o programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.



## MODAS.



Primeiro que tudo, querida leitora, é do meu vigoroso dever cumprimentar-vos em Domingo de Pascoa com todo o prazer e formalidades que requer um dia de festa. Ainda que em pessoa não é feito este cumprimento, vá por escripto, que sempre é um signal não equivoco de quem vos ama e respeita e mil venturas vos deseja, entre as quaes fica tambem incluída, está visto, a ventura de vos ver casadinha com um marido, mesmo tal qual vós o appetecis nas vossas horas de pensantear; isto é, se sois solteirinha, porque se sois casada, o caso é outro: ficarei pedindo a Deys que vos conserve o vosso juizo prudencial, com o qual possuireis toda a vossa vida um thesouro inesgotavel de valiosa moeda para a felicidade conjugal. E se sois viuva, encomendar-vos-hei ao anjo da minha guarda para que vos livre dos mãos olhados, que nesta quadrá fazem o mesmo mal que as linguas pontudas deprimindo o credito alheio.

Estes mãos olhados não acrediteis que são aquelles olhados enfurecidos do Sr. Juca e do primo Quinquim quando lhe não podemos dar uma contradança; nem são aquelles olhados de que fallavão, a benzerem-se, as antigas visinhas, os quaes fazião abrir a boca espirrar e ter sonhos pesados, nada disto; fallo dos mãos olhados, que por serem de

vez, tudo vêem ás avessas, que formão do mão cousa boa e do bom cousa má. Esta peste, que alguns praticos com muita razão a denominaõ *malvadius* — tambem devia ter um lazareto, mas com um letreiro á entrada que de longe se lesse em letras bem grandes — ESCOLA DE EDUCAÇÃO PRIMARIA.

Ai! como estou distraída! Escola de educação primaria para lazareto de mãos olhados... Ora dá-se! Relêvai a distração, querida leitora,

Bem quizera hoje ter o gosto de fazer-vos presente de uma das delicadas caixinhas que expuserão á venda o armazem Pantaleão e a casa da Estrella; ou das que, já recheiadas de soborosas amendoas, estão dispostas sobre os aveludados aparadores das entapizadas confeitarias do Carceller e Francioni. Mas attendi que os distribuidores deste Jornal terião de se ver abarbados na entrega de tantas caixinhas, que poderião quebrar-se algumas em caminho, e se o dia fosse chuvoso mellarem as amendoas todas. Para evitar desgostos, desisti do projecto.

Em compensação dos meus bons desejos, tenho a satisfação de vos offerecer a presente gravura, tão linda, tão rica, e tão a proposito, que me convenço que a acceitareis, não só com a benevolencia que vos é natural, mas com aquella desinteressada preferéncia que sabeis dar ao bello e ao agradavel.

O nosso correspondente de Pariz calculou perfectamente bem. A estampa chegou quando mais della precisavamos.

Entre parenthesis. Deveis notar n'esta estampa uma circumstancia que até aqui ainda não appareceu nas gravuras que vos temos offerecido: sabeis qual é? Ah! ja descobrites, que são todas essas inscripções em francez com que foi ella publicada em Pariz no mez de Janeiro de 1833? Pois é isso mesmo. A razão é simples e justa. Alguns pragueiros, destes que em tudo encontrão defeito, que nada julgão capaz de ser animado, fortificado em seu paiz para ir avante e prosperar, entenderão que devião dizer que os nossos figurinos erão velhos e arrancados de gravuras já em Pariz inutilizadas: outros mais amigos do seu proximo, dizem (fortes, frangipanas!) que são figurinos feitos aqui... Ora para que não passem elles por uma ou outra cousa, e não carreguem com tamanho falso testemunho, d'aqui em diante vereis todas as nos-as gravuras com os seus competentes titulos, timbres e inscripções, taes quaes forem publicadas em Pariz.

Desta forma estou que obrigaremos aos pragueiros a metter a viola no sacco extinguindo-lhes a solfa que tão humanamente garganteavão.

Querida leitora, ha muito que eu clamo contra a triste oppinião de darem-se às nossas assignantes Estampas sem os competentes fóros, deixai-me assim dizer, do paiz em que ellas forão publicadas. Não sei o que quer dizer—Estampas, vindas de Pariz—de modas de Pariz—criadas em Pariz—mandando-se, para serem publicadas no Rio de Janeiro, apagar ou cortar fora as suas inscripções, que ao contrario servem para comprovar não só a autenticidade das mesmas Estampas, como a lealdade com que são ellas apresentadas. Ainda eston por saber!

Desde que a Redacção do JORNAL DAS SENHORAS foi autorizada para poder publicar regularmente os figurinos do *Moniteur de la Mode* que os deve apresentar às suas assignantes taes quaes chegão elles de Pariz.

O *Moniteur de la Mode*, querida leitora, é sem duvida o primeiro dos mais bem conceituados JORNALS de modas de Pariz, e suas delicadissimas Estampas o comprovão. Não podendo por tanto o JORNAL DAS SENHORAS apresentar por ora modas inventadas no seu paiz e querendo apresentar aquellas que mais felizmente são criadas em terra estranha, apoiou-se na primazia do *Moniteur de la Mode*, e publica no Rio de Janeiro as gravuras deste JORNAL. Ora, assim procedendo o JORNAL DAS SENHORAS, nenhuma duvida resta de que seria falta de lealdade se continuassemos a consentir que se arrancasse dos figurinos o seu titulo de honra, o qual vem a ser, o letreiro que elles trazem a baixo. Consentiu-o a Redacção até agora, por menos bem informada a tal respeito.

Creio que estais commigo, querida leitora: se nós queremos usar das modas de Pariz, se pelos seus figurinos é que nos deixamos trajar, nenhum motivo ha para que não vos apresentemos os figurinos taes quaes elles são publicados lá.

E por hoje não escrevo mais a este respeito, que vos posso enfastiar.

Vamos então rever a nossa presente Estampa. E' um baile de fantasia dado em o mez de Janeiro deste anno em um dos primeiros theatros de Pariz. O movimento, a alegria, o espirito e a graça, reinão em todo o salão, a elegancia e o galanteio fazem estragos por onde passão; atravessão corações, agução, curiosidades, despertão zelos, prendem centenas de amadores, e de degrão em degrão, firmando os troféos de centenas de conquista, vão subindo ao throno de adorações que a belleza com mão cuidadosa lhes preparou sobre ardentes peitús de vassallos submissos.

Lá está, um destes vassallos, ali, não vêdes em meio da Estampa um cavalheiro a Luiz 14.º, que aponta para a dama que lhe fica em frente, ao pé d'aquella pilasira? Está surprehendido de vel a. Apostava em como ella ali não apparecêra; mas a feiticeira suboiarda nesse momento tira a mascara e dá-se a reconhecer! O heróe fica com o dedo apontando, neste estado de desagradavel desapontamento em que muitas vezes se achão os cavalheiros quando se encontrão entre duas namoradas querendo estar aos pés de uma só. É um máo documento que ajunta á sua pretenção.

Outro tanto não revela a posição desdenhosa do cavalheiro trajado em grande rigor. Vêde-o, lá está descançando sobre o braço esquerdo apoiado aos ornatos dos camarotes, e no direito deixa repousar a delicada mãosinha da fabulosa bailadeira. Parece-lhe bem indifferente o nosso fidalgo; e... talvez me engane, o favorecido da fortuna não será por certo S. Ex.

Mas, qual das duas elegantes pensais vós que o trará em pápos d'aranha por toda a noite? Quanto a mim, penso que será a mesmíssima que tirou a mascara para se deixar reconhecer. Este facto é de grande importancia; não falta a sua explicação.

Quem sabe... lá no outro canto á vossa esquerda, está um pagem, que pelos gestos está n'essas explicações com o *fashionable* de capote que o escuta attento sobre um outro-caso, que toca de perto, por ser acontecido com um parente tão sandeu, que chegou a revelar um importante segredo a certo Redactor, só para lhe pedir que não publicasse algum artigo contra o seu *reprovado amor*. Está visto que declarou tambem o nome da pessoa a quem ama.

Estes hasbâques quando dão para namorar, é um louvar a Deus; gastão a fortuna propria e a reputação alheia a ponto de perd-rem ambas. O *fashionable* naturalmente deixa o pagem, fumando contra o parente. Ora, tem razão.

E o menino? Já reparastes como está lindo com aquella fantasia do tempo de Francisco 1.º? Aquelle par que vem vindo do fundo; aquelles outros muitos que se avistão lá ao longe... Oh! um baile de fantasia é fascinador, embriagante para mim, fanatica, douda que sou por é-te movimento cheio de risos e de alegria constante, de novidade a todos os momentos, de belleza por toda a noite!

Santo Deus! Meia noite; e ainda estou escrevendo este artigo!

Querida leitora, guardemo-nos para a semana que entra; sim?

Christina.

## Educação da Mulher (\*)

### V.

Algumas palavras sobre o Amor que vimos ser o fim para que convergem todos o movimentos d'alma da mulher.

O que é o Amor?

O Amor é o perfume ou antes a aroma da mulher.

É a dedicação absoluta á felicidade de outrem.

O interesse proprio não entra nunca em seus cálculos, porque sua maior felicidade consiste em fazer o objecto de seu culto. Nunca um amante é quem quando conhece que deu venturas!

Amor vive fóra de si, alimenta-se misturando-se a vida de outrem para rir-se ou chorar com elle.

A condicão de sua existencia, é a consagração, e por isso nunca existiu nem hade existir um amor egoista.

Quereis exemplos desse viver fóra de si, dessa consagração a outro?

Olhai Saffo sobre o Leucates, Dido sobre a fogueira, Hero precipitando-se da Torre, Porcia comendo brazas, e Artemizia erguendo á memoria de seu marido esse tumulo magnifico, reputado maravilha do Mundo.

Todas as paixões que vemos desenvolverem-se nos homens são extranhas ao amor. Perguntai a uma mulher se quer trocar o amante por um throno? Dir-vos-ha que nem pelo do mundo; dir-vos-ha o que tem no coração, porque a unica ambição do amor é a retribuição, não pela unica saudade de ser correspondido, mas porque lhe abre as fontes da consagração.

O que é o ciume esse terrivel companheiro do amor?

É apenas receio de perder o motivo de consagração, que para o amor é o estado feliz. A vaidade e o amor proprio, nunca ou poucas vezes, determinão este sentimento.

Os d.us sexos offerecem-nos um quadro bem sensível desta differença.

O homem que é orgulhoso, que se sente humilhado em seu amor proprio, antes do que aggravado em seu amor, enfurece-se e tempesta: mas a mulher que é a dedicação viva, que é feliz em dedicar-se, que tem feito da sua vida um sacrificio perenne á ventura de outrem, intristece e chora, como quem chora a perda da propria felicidade.

Tambem a mulher ama muito mais.

Os outros attributos do amor, são igualmente meios de chegar ao mesmo fim.

A cretuli lade companheira constante do amor, é uma necessidade para elle. A fé é o combustivel que lhe alimenta as chamas nas aras do coração; sem ella aquellas chammas mal aquecerião as paredes do tabernaculo.

E assim devia ser: o amor para poder extremar-se, é preciso crer-se correspondido, para ter certeza que seus extremos não são perdidos ou tidos em menos-preço.

O amor perdoa facilmente; perdoa, porque?

Porque o rancor arranca-o a seu estado normal, e o colloca em posição extranha a seus instinctos e

(\*) Veja-se o n. 9.

movimentos, e o perdão vai tornal-o a seu antigo estado.

Emfim dizer amor, é dizer consagração; é como dissemos sua condição d'existencia.

As mulheres fôcos dessa paixão, não conhecem outro estado; debalde lhe fallareis outra linguagem.

Não vos entenderia.

Entretanto que se lhe fallais ao coração com vossas atencões e extremos, vereis mais de um olhar ativo baixar-se para vós com agrado, e mostrar-vos no fundo da pupila a centelha de uma chamma, que como que receia mostrar-se tão cedo.

Fostes entendido.

### VI.

Depois das considerações que acabamos de fazer, cremos que não pôde ser desconhecido o destino da mulher.

O homem é muito interessado na realidade desse destino, porque grande parte delle fórma a sua felicidade tambem.

Pelo que pois não empregaremos esforços de nossa parte em favor d'esse sexo?

Pelo que deixal-o-hemos sem a educação conviente?

Por ventura Deus quando destinou a mulher a funções tão devinas, pretendeu que ella não fosse illustrada?

Para que a fez intelligente?

Para maquina de propagação não era preciso dotal-a dessa faculdade.

Ficaremos aqui, porque este já vai longo. Se as nossas reflexões tiverem bom acolhimento, ainda occuparemos a attenção das nossas leitoras, com outros artigos sobre o mesmo objecto.

J.



## ALLELUIA.

As nossas leitoras não desprezarão saber o que significa a palavra Alleluia; vamos dar a sua explicação e uma resumida noticia que extrahimos de um importante classico portuguez.

« Alleluia é uma palavra hebraica e significa LOUVAR A DEUS. S. Jeronimo foi o primeiro que a introduziu na liturgia. Por muito tempo a igreja latina a não empregou senão uma só vez no anno, no dia de Pascoa, depois, segundo S. Agostinho, nos cincoenta dias seguintes em commemoração da resurreição de Jesus Christo: porém ella era mais usada na igreja grega onde a cantavam mesmo na pompa funebre dos santos. O papa Damaso, que morreu em 384, e depois delle S. Gregorio Magno, ordenarão que na igreja latina fosse tambem cantada em todo o anno; e o decreto deste ultimo foi de tal sorte recebido na igreja do occidente, que ahi se cantava alleluia ainda no officio dos defuntos, Anno depois a igreja romana supprimiu o canto de alleluia no officio dos mortos, e em todo o tempo que decorre desde a septuagessima até á missa do sabbado santo, cujo gradual começa en-

toando-se tres vezes Alleluia, d'ahi veio darmos a este dia o nome de SABBADO DE ALLELUIA. Esta pratica se ficou sempre conservando.

Sidonio Apollinario diz que entre os gregos se fez da *alleluia* uma especie de cantiga maritima, que os marinheiros e remadores entoavão como um signal para se excitarem e animarem nas manobras.

## A PASCOA.

A Pascoa é uma festa solemne celebrada pelos judeus tanto antigos como modernos, e por todos os christãos. Os antigos chamãrão a esta festa *pascha* da palavra caldaica *phase*, que significa passagem, porque ella foi instituida em memoria da passagem do anjo exterminador, que matou todos os primogenitos dos egypcios, e salvou os dos israelitas na noite que precedeu á sua sahida do Egypto; porque como Faraó não quizesse deixar sahir da escravidão o povo do Senhor, este mandou o seu anjo que matasse todos os primogenitos tanto os dos homens, desde o filho de Faraó até o da mais humilde escrava, como o de todos os animaes. Esta festa celebravão os judeus comendo pão asmo por sete dias, e na noite da solemniidade se ajuntavão as familias na mesma casa para comerem o cordeiro paschal, que vem a ser um cordeiro de um anno, sem mancha, assado ao fogo e comido com pão asmo. Nada devia restar delle pela manhã, e se alguns restos houvesse, erão consumidos pelo fogo. Na nova lei os christãos celebrão na festa da Pascoa a resurreição de Jesus Christo. Esta festa, que serve de regra a todas as outras festas moveis, é celebrada por decisão do concilio de Nicéa no primeiro Domingo depois do decimo quarto dia da lua de Março, para não coincidir com a dos judeus, que a celebrão no mesmo decimo quarto dia. Antigamente dava-se o nome de Pascoa a todas as grandes festas do anno; e assim dizia-se Pascoa da Natividade, pelo dia de Natal; Pascoa da Ascenção &c, costume que ainda conservão os hespanhoes; mas nós somente conservamos a da festa de Pentecostes, a que ainda hoje chamamos Pascoa de Espirito Santo.

Ext.

Viscondessa da...

## Bellezas e costumes Femeninos.

Que as nossas queridas leitoras estão em dia com o que é bom, bello elegante; ninguém duvidará, a menos que nos seja algum cabeçudo turrista: Que ellas estão a par do bom tom parisiense, que se vestem, que se adornão com o mais caprichoso gosto, que sabem hoje o que é e o que não é moda: isso é incontestavel, só os cegos o negarão.

Mas o que é verdade, é que muitas ainda não sabem de certos costumes e bellezas femeninas da

ordem extravagante das que lhes vou eu referir neste momento: Ora tendê complascencia, e lêde o seguinte que extrahi de um livro.

— As mulheres do Japão dourão os dentes, as da India pintão-nos de vermelho. Os dentes mais negros são tidos pelos mais lindos no Guzarate e em algumas partes da America. Na Groelandia as mulheres pintão as cáras de azul e amarello. Por mais fresco que seja o rosto de uma moscovita, julgar-se-hia velha se o não besuntasse todo de tinta preta. (Que gosto damnado, meu Santo Antonio!)

As chinas são obrigadas a ter os pés tão curtos como os das cabras; e para os fazer chegar á esta medida passão na infancia os maos (Bashbques! fazem dos pés das mulheres de sua consciencia...)

Na antiga Persia um nariz aquilino muitas vezes se julgou ter direito á corôa: e quando havia competencia sobre o throno, o povo sempre reputou o maior nariz como o mais proprio da magestade. Em alguns paizes as mãis quebrão os narizes de seus filhos, e em outros apertão-lhes a cabeça entre duas talas para lhas fazerem quadradas. (Felismênte o progresso não admite hoje taes costumes, quando não teriamos de ver cabeças de barrete de clérigo, e narizes em que os oculos nunca acharião commodo.)

Os persas modernos tem um odio mortal aos cabellos ruivos (não são la cabellos muito sympathicos) pelo contrario entre os turcos estão em grande estimação os cabellos desta côr (são gostos turcos.) As bellezas indianas untão-se fortemente com gordura de urso (brandamente, e com a mesma receita, conheço eu mais de quatro pessoas que fizeram o mesmo.)

Na china gostão dos olhos pequenos (he por a quem tenha o mesmo gosto) e continuamente as toparigas se divertem em arrancar os cabellos das sobrançellas para parecerem pequenas e compridas (Aqui são os velhos grisalhos que se divertem em arrancar os cabellos brancos para parecerem moços, quando são poucos.) Ao contrario os turcos molhão um pincel de ouro em tintura de uma droga negra, com que tingem as sobrançellas: é mui resível esta pintura de dia; mas de noite torna as mulheres mais vistosas: tambem tingem as unhas de cor de rosa (E os catholicos romanos lançãrão mão desta receita para os cabellos...!)

Um ornamento pendurado no nariz, nos parece extravagante e desnecessario (que duvida!) mas não parece assim ás peruvianas que nelles pendurão aneis pesados, cuja grossura está na proporção da classe a que pertencem os maridos (Prendem-se pelo nariz estas infelizes; no mundo civilisado, é pelo beico, como costumão a dizer os peritos) O costume de furar as ventas (isto agora é mais serio) como as nossas mulheres furão as orelhas, é commum entre muitas nações. (Felismênte por cá não o é.) Por este furo passão varios enfeites, taes como contas de crystal, argolas de osso, aneis de ouro, o que sem duvida lhes deve servir de grande incommodo quando se assozem, e de facto alguns escriptores affirmão, que as mulheres indianas nunca usão desta tão necessaria operação (É porque o bem conhecido defluxo por lá nunca chega.)



Os enfeites das cabeças femininas em alguns países são da mais singular extravagancia. A rapariga chinesa prega no alto monete dos cabellos a figura de um certo passaro, feito de cobre ou de ouro, conforme a qualidade da pessoa que o usa. As azas estão abertas, e lhe cêhem sobre a frente do toucado, escondendo-lhes as fontes: a cauda comprida e aberta se desenvolve em um formo-o penacho: o bico cobre-lhe a ponta do nariz: o pescoço do passaro está seguro ao corpo por uma miola, para mais livremente se mover e trmer ao mais leve movimento da cabeça. A extravagancia das mynteses ainda é mais ridicula do que a que acabamos de expôr. Trazem na cabeça uma pequena taboa, pouco mais ou menos de dois palmos e meio, e de uma a seis polegadas de grossura; com esta taboa cobrem os cabellos e os empassão com cera. Não podem deitar-se, nem mesmo enostar-se, sem que conservem o pescoço muito direito; e como aquellas terras são cheias de muitos natos, não é raro encontrarem-se mulheres presas nos ramos pelos seus toucados. Quando se querem pentear, um dos preliminares indispensaveis é passa-uma e mais toras ao pé do fogo até se lhe derreer a cera; feismente a occasião de se pentear em ten lugar apenas uma vez em cada anno.

— Esta extravagancia faz-me lembrar o antigo penteado à *Zamparina* dos nossos avós, que se pentavão de vespora com aquelle mundo de riçados à cabeça; passavão a noite assentadas em uma cadeira para não machucarem o bonito e não cahir o polvilho, tendo todo o cuidado, ainda depois d'isto, de abaixarem-se e livrarem-se, quando sahião, de tudo que lhes podesse tocar na *Zamparina*, pois que um só cabello que ficasse preso ao descuido era bastante para levar consigo a montanha dos riçados. Deste penteado usavão em grande toilette com as *anquinhas* de ferro as senhoras, e os homêus com casaca redonda e calções.

Pobres mynteses... só o teu penteado é ridiculo e extravagante...

## PONTEIA, NÃO QUERO MORRER.

CANÇÃO A VARGESIA.

Quem fôr capaz de cinceber o quanto  
Minh'alma sabe dedicar-te affectos,  
Que sonde e saiba, que aquilate e pese  
O que não sabem te dizer meus labios!  
Pois quanto já d'amor outr'ora os vates  
Dizer souberão, o quanto não disserão  
Não basta p'ra dizer quanto eu te adoro!...

### I.

Além do quanto é dado á luz dos olhos  
Descortinar, atravessando o espaço,  
Até fixar immensuraveis centos  
D'inextinguiveis scintillantes fogos,  
Existe um ponto inafindo, ineliminavel....

Arcaño, enigma, confusão, mysterio!  
É lá que habita inteira agora est'alma  
Que se desprende dos grilhões do mundo.  
É lá que errantes, divagando buscão  
Meus pensamentos convergir-se agora!  
É lá que existe o Sacro-Santo-Eterno  
Omnipotente, que julgar-me deve  
N'esse dia fatal, fatal, horrivel

Que faz-me tremer,  
Que faz-me gemer,  
Que faz-me verter  
De pranto torrente  
Ao crei-o sómente,  
Sómente ao pensal-o!  
Porque de afastal-o  
Da triste lembrança  
Eu pereio a esperança,  
E n'este soffrer,  
Nesta anxiedade  
Me torno criança,  
Me torno cobarde,  
NÃO QUERO MORRER!....

### II.

Uma, duas, mais tres, mais quatro, e duas  
Fataes pancadas, me batêrão n'alma....  
Funestas horas de presago agoiro  
Do campanario pelos sons contados  
Rapidamente se escoárao.... o écho  
Da derradeira inda contrai meus nervos....  
A terra vence, em morbidó silencio,  
Dos tumulos a mudez, e nem das sombras  
Companheira fiel, ave das campos,  
Vem quebral-o agoureira... impenetraveis,  
Á meus olhos sem luz, espessas trevas,  
Tudo o quanto meus pés nivella a terra  
Em seu tuguri, convergiendo occulta....  
Triste hora d'encautos e d'horrôres,  
Victoria aos teus mysterios, que souberão  
No coração plantar-me a efervescencia  
Da contricção, que purifica est'alma...  
Eia, oh! Christo, ergue os vãos  
Nas brancas azas da arrença,  
E vai contrito prestar-te  
D'um Deus eterno á presença!

### III.

Eil-a aqui, tão fiel, qual se estívêra  
Em tella d'ouro, por pinceis divinos  
Traslada por mão do Omnipotente!  
Eil-a aqui, na minh'alma, eil-a comigo  
Nas altas regiones... Vargesia: escuta  
Os devaneios de meu estro, attenta  
As effluës d'um coração que arqueira

D'horriuel susto, que me gela o peito!  
 Não vês ali, onde o terror negreja,  
 Um chão profundo? Ali o acaso; ou antes  
 O destino á meus olhos, bello e puro  
 Mostrou-me o teu semblante... Esse passado,  
 Registrado no folio das saúdaes!  
 Ali correu; não vês como é sinistra  
 Agora essa manção onde existimos? !  
 Ali habita o genio do exterminio  
 Que cedo, ou tarde hadê ferir-me o peito  
 Com duro golpe... hei de morrer, Vargesia,  
 Quem sabe se hoje mesmo?!... Dá-me os braços,  
 Estreita ao teu meu peito, ajunta, roça  
 Os nossos corações; sobre a teu cóllo  
 Consente que repouse esta cabeça,  
 Modula-me as canções da joven lyra,  
 Espanca estes phantasmas que me assustão,  
 Canta essa aria d'amor que te arrebatá,  
 Não me deixes dormir, falla, recorda  
 Os nossos juramentos, e repete,  
 Vargesia, os versos meus que decoraste!...

Oh! Vós, que habitais  
 Cellesse hemispherio,  
 Sé a vida gosais  
 De grato mysterio,  
 Jámais eu tolero  
 Tão grato prazer;  
 Táes gosos não quero,  
**NÃO QUERO MORRER!**....

(Continúa).

## Julia de Fenestranges.

(Continuado.)

### III.

#### A HORA DO EMPRAZAMENTO.

A filha do marquez de Fenestranges e o visconde d'Ortignes contempláram-se um ao outro por alguns instantes. Uma violenta contracção nervosa agitava os olhos e a descorada boca da infeliz moça, a qual havia tomado a primeira attitude; e de novo encostada á mesa d'alli cravava os olhos turbados naquelle que devêra ser seu noivo, e soffria na garganta uma anciedade terrivel por não poder dar um ai. Até que as lagrimas saltarão lhe de repente pelos olhos, e o nome de Leoncio lhe roceou os labios. O visconde fechou a porta, correu todas as cortina das janellas, e postou-se a certa distancia de Julia. Extremamente opprimido pela idéa de humilhação que ella devia sentir, affectava elle examinar os paineis que ornavaõ a camara, e não via mais de uma massa confusa de sombras; porém, julgando dever poupar á sua querida prima o es-

forço das primeiras palavras, rompeu elle brandamente o silencio:

— Tu aqui! tu que não existias mais para o mundo... Tu! E tal como outr'ora neste lugar, em que eu só encontrava a solidão, e onde somente o silencio é que respondi aos meus suspiros!... Sonho feitoro e triste, oh! não te esvaeças! Fica, fica ao pé de mim. Olha... eu te invoco ha tanto tempo! E tu tardaste tam!

— É verdade, sou eu, disse ella com um accento tão baixo que apenas parecia que fallava, sou eu. Volto, volto, não para a seio dos meus, mas só para o pé dos meus, para respirar um momento o ar que elles respirão: quizerá vê-lo sem ser vista: ouvi-os sem ser ouyda... Oh! como isto é estranho para ti, não é assim? Este largo manto de seda preto que me envolve toda, este cabeção que me cái no pall do rosto, não-me em verdade a apparencia de uma vizão; mas existo — existo para minha desgraça; e se tu me encontras nesta camara é porque nem a morte tem piedade de mim.

— Pobre Julia! murmurou o visconde approximando-se della, tu, que eu conheci tão alegre, tão amiga de fogar, tão descuidosa, tão adereçada como uma duquesa da corte; tu que eras servida de joelhos, e que não formavas um só desejo que não fosse adivinhado por uma mãe tão terna, tu, emfim que entravás na vida como se entra n'um campo d' festa, com uma corôa na fronte...

— Oh! Dizes bem! A minha corôa de donzela murchoi-se; a minha corôa de marquezza espedçou-se! Em torno de mim... ha só ruinas!

— Mas como é que pudeste chegar até aqui sem despertar suspeitas?

— Esta noite mesmo apresentei-me no castelb, acompanhada por um criado muito fiel, que é um velho allemão, unico que sabe o que eu tenho passado, e de cujo silencio estou mais que certa, o qual pediu agasalho para si e sua filha...

Eu escondi o rosto o mais que pude com este cabeção, puz o lenço na boca, e não tinha receio que sobre mim houvesse exame algum. D'ahi, o meu criado salvou-me de todo o embaraço dizendo aos fmulos da casa, que eu não entendia uma palavra de francez. Designarão-me uma saleta, debaixo do tecto da torrinha do sul. Assim que eu supuz que todos dormião, tomei a chave do meu aposento, que sempre trouxe comigo como uma reliquia desde o dia em que fugi, e aventurei-me pelos corredores, seguindo a parede ás apalpadellas.

O meu coração é que me guiava: entrei aqui, e estava a chorar quando tu appareceste.

— Bemdito seja o acaso que nos veio unir! Bem razão tinha eu de pensar que esta solidão se animaria finalmente para mim.

— Desengana-te: que eu sou como o passarinho fatigado, que atravessa largos mares, e pousa por um momento no pinçaro da rocha, para d'ahi voar depois para regiões incognitas. Quiz ainda uma vez achar-me neste theatro de recordações saudosas, no meio das illusões da minha mocidade, no seio desta camara em que eu vivi tão innocente e tão feliz, na qual eu devo hoje aos teus cuidados não encontrar nada mudado. Ao ver no mesmo lugar todos estes objectos, parece-me que ainda hontem é

que fugi, e julgaria mesmo nunca ter faltado ao meu dever, se os remorsos que sinto me não fallassem mas alto do que esta illusão toda.

A seien dade nunca de xou de aqui reinar, mas a tempestade atormentava-me o coração. Quando eu estava daqui longe sentia talvez menos esta dôr agudissima que ora me dilacera, á vista do meu berço e do lugar em que nelle começou risonha para mim a raia de urora. Mas diz-me como está meu pai, que é feito da minha tão boa e tão terna mãe?! Depois que parti, apenas pude obter algumas informações bem raras a respeito de ambos. Como eu era a causa dos seus males, nem tinha direito nem animo de lhes medir a extenção.

— Teu nobre, ai encontrou, na elevação da sua alma, e na sua fé religiosa, um initivo aos seus desgostos: tua excellente mãe vive sómente para consolal-o.

— E tu não me fallas de ti, Leoncio, tu que sacrificaste a tua carreira para cercar de disvellos a quem uma filha desampará? Mas se ao presente esta piedosa abnegação prejudica tua fortuna, tu serás recompensado para o futuro.

— Recompensado! Recompensado! já eu estou, porque te tornei a ver.

— Não, tu não me tornaste a ver — o que tu tens diante de ti é a sombra de Julia; a Julia de outro tempo está morta; pensa que o não sei? A boca de meu pai já pronunciou essa sentença. Eu já estou riscada do mundo. Os nossos amigos crêm que eu succumbi n'uma viagem, de uma grave molestia; já elles me prantearão tão moça que morri, em lugar de me despresarem. Ainda bem! Mas por outro lado pouco me importaria a sua estima se eu ainda possuísse a minha. E contudo, eu tenho soffrido tanto!.. tanto! que bom direito tinha eu para me julgar ao menos tão desgraçada como criminosa. A experiencia já me deu toda a luz de que eu carecia; mas esta luz vem tão tarde!.. Num momento de vertigem deixei eu este castello, e assim que me vi fóra destes muros, parecião-me que erão rochedos a prumo que se desabavão — que erão barreiras de bronze que se levantavão entre mim e o passado: á medida que me apartava, parecia-me que era eu só no mundo.

Uma voz para mim bem suave e bem terna esforçava-se por socegar me: o cavalleiro prometia ser para mim, familia e patria; mas atravez de tão brandas palavras ouvia eu o grito do dever, e na carruagem que nos conduzia para as fronteiras de Flandes bem estava eu vendo que nos e amos só dous. Muitas vezes me acontereem olhar ao longe pela portinhola e por entre a nuvem de poeira que a nossa carru gem levantava, como que via escapar-se a imagem deses,perada de meu pai, que me estendia os braços. E eu tinha medo e es,erança ao mesmo tempo! Sentia talvez um desejo secreto de ser perseguida, e todavia tivera apressado o passo dos cavallos se ao longe reconhecêra com effeito algum dos criados de meu pai! Chegamos a Amsterdã, e assim que pozemos pé em terra estranha, deu-se logo pressa o cavalleiro em procurar um ministro do Evangelho que abençoasse a nossa viajem. Arrastado pelo primeiro erro, commetteu logo segundo, sem saber o que fazia: alistou-se nas filei-

ras do exercito hollandez entre os inimigos do seu paiz e do monarcha. Que te direi eu mais? Tu sabes como acabão os amores de uma origem criminosa. Não se acha mais graça em estar ao pé daquelle que se amára; d'ahi começa o aborrecimento; d'ahi vem a saciedade: d'ahi o exercito exterior de certas regras e deveres torna-se como a imagem de uma enfadonha eternidade. Sentí que não devia abrir a minha sala a niuguem, com receio de fixar a attenção publica, e pensava, com a grandeza do meu sacrificio, conquistar irrevogavelmente o coração de Amedeo; esperava que o meu desapego do mundo e dos prazeres faria com que elle me comprehendesse e me estimasse.

Pobre louca que eu era! que tão mal conhecia aquella alma superficial! O cavalleiro era um desses homens de gosto pueril, que se tomão de admiracão pelo esplendor das festas, pelas riquezas dos viscidos, por tudo o que brilha e annuncia opulencia: uma casa severa, uma libré modesta, uma mulher pallida e vistida com simplicidade, não lhe podião convir por muito tempo. Então, para criar uma distracção á ociosidade, recorreu elle ao jogo: o que a principio não passava de um entertimento tornou-se em paixão — depois frezei. Com a fronte carregada de cuidados, com o coração ralado de inquietação por faltas de dinheiro, procurava Amedeo em casa aquelle mesmo socego que havia pouco se enfastiava de ahi encontrar sempre.

Depois de mil juramentos que fazia de renunciar de uma vez as cartas, sabia de casa sem destino, e lá caminhava de novo para o abysmo, como se por instincto caminha alguém para salvar-se.

As graças, as maneiras nobres que o distinguão forão-lhe desaparecendo, e eu assistia horrorisada a essa decomposição moral, vendo meu marido descer vivo ao sepulchro que a loucura lhe abria! Em segredo me culpava eu a mim mesma, como causa de taes desgraças, que de dia em dia augmentavão, e cujo desfecho terrivel presentia eu de bem longe. Nem nós viviamos mais su-pensos um ao outro se não pelo fio do soffrimento, e o mim mesma perguntava eu a cada instante, qual das nossas existencias seria aquella que a morte reifaria primeiro.

— Então foi a d'elle, porque tu aqui te achas, exclamou Leoncio, com uma turbação indifinivel.

— Foi, respondeu Julia, com uma voz sumida levando o lenço aos olhos, toda debulhada em panto.

— Mas és livre! hoje és livre!

A infeliz moça meneou a cabeça, sem dizer palavra.

— Perdo a minha indiscrição. Eu devia ter comprehendido a tua pedosa dôr, e respeitá-la.

— O desenlace da vida de um jogador é sempre tragico. Uma noite o infeliz cavalleiro sahio de casa depois de me ter dito adus com tal melancolia, que me deixou extremamente inquieta.

Tinha elle ido para um ponto fixo, que um chamado seu amigo lhe havia dado á sabida de um baile de mascaras, ao qual Amedeo quiz ir em trajos venezianos. « Não te esqueças, lhe diz o mascara, da hora do emprazamento. » A noite passou-se... o desasoscego crescia-me no peito a cada hora, e eu ia descendo para o meu jardinzinho

para me ir pôr a espreitar no canal a passagem das barcas... quando de repente descobro um homem mortalmente ferido no coração. Era o cavalleiro. Tinhão-lhe roubado uma avultada porção de dinbeiro que elle ganhára ao jogo! Então sacrifiquei eu os meus ultimos diamantes para que se dessem ao seu cadaver as honras que lhe crão devidas. E assim que meu marido não teve mais nada que reclamar de mim, todos os meus pensamentos se voltãrão para meus pais. Um immenso desejo de tornar a ver os logares que elles habitavão me devorava o peito. Puz-me a caminho de França. Tu sabes o resto. Já vi o castello de Fenestranges, já soube que a minha familia vive socegada e feliz, já vi o meu ninho. Basta: — agora posso partir: quando a aurora despontar ao longe, já eu estarei longe daqui.

— Que dizes tu, Julia?! Exilar-te ainda?! Pois tu podes pensar nisso seriamente?!

— Assim é preciso.

— Enganas-te: semelhante resolução seria criminosa: desejarias tu fugir de novo e enviar ainda o desespero ao coração de teus pais? O que praticaste sob o imperio da vertigem serias tu capaz de renovar-o agora com toda a tua reflexão? Não há razão alguma que justifique um novo erro que se quer commetter, ao mesmo passo que se está deplorando o primeiro. E demais, tu não podes ser o teu primeiro algoz, condemnando-te a um desterro eterno; espera ao menos que a boca de um pai pronuncie a sentença.

Julia abaixou os olhos envergonhada e suspirou profundamente.

— Tu queres fallar-me do perdão de meu pai, respondeu ella, mas conheces tu bem a firmeza de caracter desse nobre ancião? Olha que elle nunca em sua vida infringiu os principios que professa. Tal vez até queira repellir a idéa de me ver.

— Não, minha prima, não. Tão longe não levará elle a inflexibilidade, que se queira privar da maior ventura que em sua vida possa ter.

— Pois bem... uma vez... uma vez ainda, digna-te interceder por mim. Tu, que és hoje o filho do marquez de Fenestranges, apresenta-lhe a estrangeira que já foi sua filha.

Oh! Julia! Não me rosgues mais o coração. Estão acabados os nossos martyrios... Adeus... Deixo-te no teu aposento, onde tantas noites sonhei com a desterrada...

E sahiu Leoncio brandamente acompanhado pelos olhos de Julia, a qual alli ficou em pé, junto á mesa, immovel como uma estatua.

(Continúa).

## Maximas e pensamentos.

DE UMA ILUSTRE CAPACIDADE BRASILEIRA

Aos olhos naturaes, este mundo é opaco, e mostra somente a sua superficie; aos olhos da fé, é transparente, e vêem a travez alguma cousa que está além do mundo.

Dizia alguém ao Imperador Augusto, que não se affligisse pela morte de uma pessoa que elle muito afeiçãoava, porque a sua afflicção não a podia restituir á vida. E por essa mesma razão, respondeu o Imperador que eu me afflijo.

Aquelle que diz que não há homem algum que seja honesto, confessa ser elle mesmo um grande velhaco.

Assim como os remedios se tomão por peso e medida, assim tambem se deve praticar com o sustento.

A um pai que deixára de punir o filho por uma malignidade que commettera, dizendo que era uma *cousa pequena*; respondeu Solon, sim, mas o costume é que uma *cousa grande*.

Sigamos a moda em todas as cousas indifferentes, mas paremos nas que podem trazer escandalo ou peccado.

O homem que é bom, tornar-se-ha melhor; e o mau torna-se peor, porque a virtude, o vicio e o tempo, são tres cousas que nunca estão na mesma.

Guardai o teu proprio segredo, e não o digais a ninguem, porque se o revelais deixas de ser senhor d'elle. Se no teu peito o não podes guardar, como o guardará aquelle a quem o confiais?

Com este n. 13 vai a grande estampa representando costumes de fantasia.